

Cadernos Teologia Pública



Igreja e evangelização: provocações da pandemia Parte II - As dores do parto

Organizadores: Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)
ano XVII • número 148 • volume 17 • 2020

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



 UNISINOS

Igreja e evangelização: provocações da pandemia

Parte II - As dores do parto

Apresentação

Este texto é o resultado de discussões realizadas no Grupo de Pesquisa “Teologia e Pastoral” – do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – que reúne pastoralistas, pesquisadores/as e estudantes das Instituições Católicas de ensino e formação em teologia e pastoral de Belo Horizonte: ISTA, FAJE, PUC Minas, Centro Loyola. Ele surgiu como uma possível ajuda para pensar a pastoral durante e após a pandemia. Iniciativas editoriais diversas têm surgido como chaves de interpretação deste tempo, tanto na filosofia quanto na teologia. As leituras e discussões de algumas delas, a organização do “Tecendo redes. Diálogos online de Teologia Pastoral”, com painéis mensais trazendo alguns dos conferencistas previstos para o Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral, organizado pelo Grupo, junto com outras instituições teológicas do país, em maio de 2020, motivaram o Grupo a dizer sua própria palavra sobre os impactos da Covid-19 para a evangelização no Brasil.

Os textos aqui reunidos fazem parte de uma proposta articulada em três eixos: 1. “O fim de um mundo?”; 2. “As dores do parto”; 3. “Vinho novo, odres novos”. Cada eixo é, por sua vez, composto de três capítulos. O segundo eixo, ao qual o/a leitor/a tem acesso neste número dos Cadernos Teologia Pública, tampouco traz um texto com o tema geral ao redor do qual é articulado. No entanto, os capítulos que o compõem apontam para os “aprendizados” da pastoral em tempos de pandemia. O primeiro capítulo, “A liturgia online: desafios e possibilidades”, do Pe. Vanildo de Paiva (Diocese de Pouso Alegre), reflete sobre a modalidade generalizada das celebrações litúrgicas durante a pandemia,

com questionamentos importantes sobre o bom uso das mídias digitais na liturgia. O segundo capítulo, “Catequese, a formação cristã e a espiritualidade: novos olhares”, escrito por Débora Regina Pupo, Lucimara Trevizan e Marlene Maria Silva, todas atuando nas coordenações da dimensão bíblico-catequética de regionais da CNBB, discorrem sobre as iniciativas da catequese, da formação de catequistas e da aproximação dos pais durante a pandemia, interrogando-se sobre os aprendizados e sobre o futuro. O terceiro, “As dioceses e as paróquias não são mais as mesmas”, escrito por Manoel José de Godoy (FAJE), Matheus Bernardes (FAJE/PUC Campinas) e Patriky Batista (Diocese de Luz e CNBB), reflete sobre a estrutura diocesana e paroquial durante e após a pandemia.

Esperamos também que esses conteúdos sejam úteis para pensar a pastoral hoje.

Os organizadores.

Igreja e evangelização: provocações da pandemia Parte II - As dores do parto

Organizadores: Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *Pedro Gilberto Gomes, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Diretor Adjunto: *Lucas Henrique da Luz*

Gerente administrativo: *Nestor Pilz*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XVII – Vol. 17 – Nº 148 – 2020

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PU-CRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, ESTRS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel Guilherme Tenher Rodrigues.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração: Ricardo Machado e Guilherme Tenher Rodrigues

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004. – v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

A liturgia online: desafios e possibilidades

Pe. Vanildo de Paiva

Mestre em Psicologia pela PUC Minas e professor titular da
Faculdade Católica de Pouso Alegre (FEJAN)

Introdução

A Igreja é, essencialmente, comunidade, povo de Deus em caminhada rumo ao Reino definitivo. É Ecclesia: assembleia dos chamados, dos escolhidos. Essa eleição divina tem seu início com o povo de Israel e culmina em Jesus Cristo, pedra fundamental da nova e definitiva construção espiritual, aquela formada pelos renascidos do Mistério de sua Páscoa e chamados a ser povo de sacerdotes, para oferecer a Deus um culto que lhe seja agradável (cf. 1Pd 2, 4-5). Enraizada na prática de Jesus, fiel à sua Palavra e sob a ação do Espírito Santo, como os primeiros irmãos e irmãs, “a Igreja nunca deixou de se reunir para celebrar o Mistério pascal” (SC, n. 6). Assim, a assembleia reunida para o louvor de Deus e a sua própria santificação (cf. SC n. 7) é imagem e realização da Igreja. No entanto, reunir-se publicamente para o culto nem sempre foi algo fácil para a Igreja. Sabemos, pela nossa história, que, principalmente nos primeiros séculos, os cristãos se encontravam às escondidas e celebravam nas suas casas. E foi nesta condição –

de volta à Igreja doméstica! – que fomos colocados pela pandemia provocada pelo coronavírus!

De fato, em março deste ano de 2020, de repente, a necessidade do isolamento social, como medida sanitária no combate à Covid-19, nos colocou em crise, no plano social, econômico, ambiental, eclesial e interpessoal. Os cenários, mundial e brasileiro, que se descortinaram diante de nós, nos quais nós mesmos desenrolamos o drama da nossa existência, têm sido marcados pelas experiências do sofrimento, da dor, da solidão, da indignação social e política, das perdas, enfim, da morte.

O fato é que a pandemia tem nos feito repensar muitas coisas, também no campo da vivência e da expressão da nossa fé, levantando inúmeros questionamentos: como entender, por exemplo, a possibilidade da eucaristia celebrada sem a comunidade, não obstante sua validade seja garantida pela lei eclesiástica? A presidência só do presbítero (e do presbítero só!) é mesmo suficiente para afirmar que a eucaristia tem alimentado todo o povo de Deus nesse tempo de pandemia? As celebrações domésticas em torno da Palavra constituem uma liturgia de “segunda classe” ou de suplência da eucaristia? Onde estão os limites entre participação e coisificação da experiência litúrgica nas transmissões online? Temos elementos

para falar da liturgia online como autênticos caminhos de comunhão e participação? São muitas perguntas, ainda com poucas respostas! Muitas delas são sintomáticas de situações há tempos acomodadas, mas muito mal compreendidas, que exigem de nós enfrentamentos sérios, sob pena de grave incoerência e traição à reforma da liturgia empreendida pelo Concílio Vaticano II, que se propôs resgatar a originalidade da essência de todo o rito cristão.

A inundação midiática no terreno litúrgico

Que os meios de comunicação (TV, rádios etc.) e as mídias sociais há tempo vêm ganhando espaço também no terreno católico já o sabíamos! No entanto, com a pandemia, assistimos a um fenômeno que poderíamos chamar de inundação midiática, também no campo litúrgico da nossa Igreja. De acordo com Grillo, “se os corpos ficam em casa, pelo menos os olhos, os ouvidos, as mentes e os corações tentam sair, tentam se encontrar, não tardam em se conectar. Através das telas dos computadores, dos tablets, dos celulares ou dos televisores, tentamos compensar isso [...]. Porém, é um canal que facilmente

espetaculariza o rito” (GRILLO, 2020a). Basta zapear pelos canais da TV ou acessar o Facebook, por exemplo, para nos depararmos com missas transmitidas ao “gosto do freguês”, momentos orantes, lives com meditação da Palavra, do terço, Liturgia das Horas e pregações, adoração ao Santíssimo Sacramento etc. Isso tudo em matizes bem diversas, que vão desde propostas muito sensatas e coerentes com a melhor teologia litúrgica que temos, até disparates sem credibilidade alguma.

Está se configurando para todos nós e com a participação de todos nós uma cultura digital. De acordo com o papa Francisco, vivemos “em uma cultura amplamente digitalizada, que afeta de modo muito profundo a noção de tempo e de espaço, a percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, o modo de comunicar, de aprender, de informar-se, de entrar em relação com os outros” (FRANCISCO, 2019). Essa cultura digital tem mudado nossa linguagem, mentalidade e hierarquia de valores¹. A tradicional dicotomia entre real e virtual hoje é questionada por muita gente que defende que não há mais o virtual, mas somente o real da presença e das relações das pessoas, mediadas pelas redes, inclusive com trocas afetivas. Uma

presença diferenciada, é verdade, mas sempre presença, já que as mídias seriam verdadeiras extensões dos nossos sentidos. Do mesmo modo, há que se superar o binômio off-line/online, já que “hoje, vivemos uma experiência ‘onlife’ (Luciano Floridi). A conectividade e as redes já são uma dimensão existencial das pessoas. Redes e ruas estão mais do que nunca conectadas e interligadas. O ‘véu’ dessa separação se rasgou há um bom tempo” (SBARDELOTTO, 2020a). De acordo com esse pensamento, um novo tipo de realidade cultural se instaura, possibilitando novas formas de encontro e relação das pessoas entre si e destas com o sagrado. Isto traz sérias indagações para nós, pois mexe com conceitos e princípios fundamentais da experiência litúrgica, tais como o de participação, comunidade, experiência simbólica, espaço sagrado etc., questões estas que precisam ser amplamente discutidas.

1 Cf. Diretório para a Catequese, n. 359.

Liturgia e mídias na pandemia

Uma limitada compreensão da eucaristia

Com o advento da pandemia e a sábia decisão da Igreja de suspender as atividades religiosas e litúrgicas em seus templos, a primeira iniciativa pastoral de boa parte do clero foi investir na multiplicação das transmissões da missa pela TV, rádios e mídias digitais de modo geral. Não se questiona aqui a boa vontade e o desejo dos pastores de nutrir, de alguma maneira, os seus rebanhos, com a Palavra de Deus e a piedade eucarística. Sabemos quanto bem essas possibilidades têm feito a tantas pessoas, como doentes e idosos. O que se questiona, no entanto, é até onde se pode falar de “participação” em relação a tais missas transmitidas. No fundo, há que se perguntar como se dá, na ação litúrgica, a relação rito-espaço: o espaço determina o rito ou o contrário?

A participação plena, ativa, consciente, piedosa e frutuosa desejada pela Sacrosanctum Concilium (n. 11.14.48) não depende apenas da qualidade da transmissão e nem mesmo das boas disposições de quem está assistindo à celebração. A linguagem litúrgica requer mais

do que pessoas reunidas para ouvir ou ver o que se transmite, ainda que se consiga estabelecer com elas excelentes relações humanizadas e comoventes. Muito do que a ação ritual significa e realiza só pode ser vivido na imediatez do sinal que provoca os sentidos e evoca o sentido maior da presença do Ressuscitado, no clima e no espírito de comunhão que brotam da assembleia reunida “como se fosse uma só pessoa” (Ne 8,1). Há um distanciamento incontornável entre a comunidade local que vive o rito e a verdade do evento salvífico (na pandemia, infelizmente o padre sozinho!) e aqueles que se esforçam em penetrar no sentido desses sinais, mas não o podem fazer a distância. Quando esse sinal é o pão eucarístico, mais ainda se percebe esse distanciamento. Categorias como “comunhão espiritual” ou “comunhão mental” – por sinal, tão estranhas à teologia litúrgica pós-conciliar! – não dão conta de proporcionar a vivência que se requer à comunhão eucarística: comer do pão, beber do vinho, tomar parte da ceia do Senhor como conviva do banquete divino. Não podemos correr o risco de voltar àqueles tempos medievais em que o povo se contentava em ver de longe a hóstia consagrada e adorá-la tão somente, privando-se do que lhe é essencial, como disse Jesus: “a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida” (Jo 6, 55).

Os caminhos que tentamos para suprir esta privação da celebração eucarística estão revelando o quanto é “limitada a nossa compreensão da ceia memorial do Senhor e isso deverá nos levar a buscar o sentido mais profundo da eucaristia, que inclui o lava-pés do serviço e do amor fraterno, interação entre fé e vida que muitos cristãos já vivenciam. Aliás, estamos tendo a oportunidade de contemplar a entrega do Senhor, no trabalho arriscado de tantos profissionais da saúde, na luta para obter o auxílio emergencial, na partilha e na solidariedade em socorrer os mais frágeis, na batalha cotidiana pela sobrevivência em condições adversas” (CARPANEDO, 2020a).

O presbítero sozinho e a insuficiência do “mínimo suficiente”

Outra questão muito séria que deve ocupar nossa reflexão, intimamente ligada às transmissões das missas, refere-se à missa sine populo, isto é, sem a presença da comunidade celebrante, centrada na figura autorreferenciada do presbítero. A missa com assistência de um só ministro, uma das três opções apresentadas pelo Missal (nn. 252-272), tornou-se a regra nesse período. A Instrução Geral do Missal Romano é muito clara ao apresentar uma salvaguarda: “A celebração sem ministro ou sem ao

menos um fiel, não se faça a não ser por causa justa e razoável” (n. 254). Há quem argumente que a assembleia esteja presente, participando por meio da assistência à transmissão realizada pelos meios de comunicação e mídias digitais, questão complexa já abordada acima. Outros argumentam pela legitimidade da opção feita, já que é “lei” referendada pela Igreja. Há, ainda, os que se apoiam, piedosamente, na obrigatoriedade do padre em celebrar a eucaristia.

O que se questiona aqui não é nem a validade da missa – ponto indiscutível! –, nem a legitimidade da forma, mas o seu genuíno significado dentro da eclesiologia e da teologia que fundamentam a Reforma Litúrgica. O que pensar de uma celebração na qual somente se evidencia o ministério da presidência, se a liturgia deve ser “ação de todo o corpo da Igreja”, “não ações privadas, mas celebrações da Igreja, sacramento da unidade” (SC, n. 26)? O Catecismo da Igreja Católica é claro ao afirmar: “É toda a comunidade, o corpo de Cristo unido à sua Cabeça, que celebra” (n. 1140). Mais do que “valer” a missa, o mínimo suficiente, preocupa-nos o reducionismo de toda a riqueza da ação ritual. No dizer de Grillo, “se o seu valor é pensado como o conjunto de todas as palavras e de todas as linguagens, em uma comunidade rica

e articulada, uma missa válida é só válida. Falta-lhe toda aquela gratuidade de que precisa de modo vital, para ser plenamente ela mesma” (GRILLO, 2020b).

Outro problema decorrente deste, em alguns casos, é o quanto uma pobre concepção do ministério ordenado e da presidência eucarística faz com que se reforce um clericalismo midiático, às vezes chegando-se ao absurdo do exibicionismo, se o padre faz convergir para si toda a atenção, e não para o que celebra (SBARDELOTTO, 2020b). Esquece-se, lamentavelmente, de que a epifania do ministro obscurece a epifania do Mistério!

O perigo da redução da liturgia à celebração eucarística

De forma alguma a missa é a única maneira de celebrar o memorial do crucificado-ressuscitado. E aí, este tempo de pandemia tem se apresentado como oportuna ocasião de resgatar outras maneiras de celebrar a fé, também pertencentes à liturgia da Igreja. Quando celebramos o Ofício Divino na hora do sol nascente, por exemplo, estamos oferecendo um sacrifício de louvor. Quando nos reunimos, na hora do sol poente, para celebrar o ofício da tarde, estamos fazendo a Deus nossa oferenda de ação de graças (eucaristia). A oração de agradecimento à mesa

das refeições também tem uma dimensão profundamente eucarística.

De fato, muitas famílias e pequenas fraternidades têm se valido desta ocasião para celebrar nas Igrejas das suas casas, mediante a oração dos salmos pelo Ofício Divino das comunidades e a escuta das Escrituras ditadas pela liturgia diária e semanal, reunindo-se em círculo, ou, quem mora sozinho, colocando-se em oração silenciosa na presença de Deus. Trata-se de uma porção do povo de Deus que possui enraizamento na fé da Igreja e tem suficiente autonomia para se reunir como Igreja e celebrar o Mistério da fé, graças à consciência que tem do sacerdócio batismal dos fiéis (CARPANEDO, 2020b).

A Palavra de Deus como pão que nos alimenta

O deslocamento das celebrações da fé para dentro das casas trouxe ganhos valiosos para o revigoramento da Igreja doméstica e o protagonismo dos cristãos leigos e leigas nas ações celebrativas. O povo entendeu melhor que sabe e pode rezar, mesmo sem a figura significativa do padre na presidência das celebrações. A liturgia do dia a dia foi ganhando força especialmente ao redor da Palavra de Deus. A Bíblia, “peça” importante no acervo de

todo cristão, deixou de ser um enfeite bonito, para ser aberta e alimentar o povo de Deus.

A Igreja sempre teve as Sagradas Escrituras em alto apreço e ensina que, assim como as espécies do pão e do vinho consagrados, a Palavra anunciada na celebração litúrgica é “pão do céu” para alimentar os fiéis (cf. DV, n. 21). De fato, é o mesmo Cristo que se faz realmente presente, falando com o seu povo, quando são lidas as Escrituras (cf. SC, n. 7). Palavra e Sacramento não se contradizem, mas se exigem mutuamente, pois “são meios de que o Senhor se serve para comunicar a sua graça, para edificar os cristãos, para construir a Igreja como povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito, sacramento do Reino de Deus no mundo” (CNBB, Doc. 108, n. 29).

Perspectivas para uma fecunda relação liturgia-mídias

Nesse momento da nossa reflexão, também queremos um espaço para os projetos, para um tempo novo que está sendo engendrado desde já, com a graça de Deus e de seu Espírito de criatividade e renovação. O tempo da pós-pandemia, por muitos definido como “novo normal”, não poderá ser apenas uma retomada do que deixamos atrás, mas uma prova de que aproveitamos a crise para

torná-la verdadeira oportunidade de aprendizado e aperfeiçoamento, inclusive na reconstrução de nossas práticas eclesiais.

Parece-nos claro que a cultura digital é um fenômeno irreversível. E isso pode ser muito bom! Cada dia mais seremos desafiados às parcerias e interações pastorais, buscando uma fecunda relação entre a liturgia e os sofisticados meios de comunicação e mídias digitais. Isso exigirá de todos nós (animadores da liturgia, padres, comunicadores, liturgistas etc.) muitos movimentos de conversão pastoral, tão necessária para respondermos à altura ao que o papa Francisco nos pede: “É preciso ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra” (EG, 167). Cientes de que a Liturgia se faz de sinais, símbolos e gestos que encontram o seu sentido à luz da Palavra, cabe a nós deixar-nos sempre educar pelos seus ritos para, sem perder a fidelidade à riqueza teológica e cultural que temos, conseguirmos também, até onde for possível e como for possível, ser uma “presença evangelizadora no continente digital” (Diretório Catequese, n. 371).

A exigência da conversão pastoral nos parece bem oportuna para falarmos de perspectivas litúrgicas, e aponta para algumas mudanças e passagens necessárias:

Passagem de uma cultura clerical para uma cultura ritual²

Fomos culturalmente (des)educados para a ação ritual, numa concepção desequilibrada do valor dos ministérios e funções na celebração litúrgica, sobretudo dos sacramentos. Sabemos do lugar importante que cabe ao ministro ordenado, mas isso não significa colocar nele toda a dependência da celebração, em detrimento da participação efetiva dos outros ministérios e de toda a assembleia ali presente. O Concílio foi assertivo ao dizer: “Em todas as celebrações litúrgicas, ministro e fiéis, no desempenho de suas funções, façam somente aquilo e tudo aquilo que convém à natureza da ação, de acordo com as normas litúrgicas” (SC, n. 28). Somente uma nova cultura ritual poderá fazer frente a um clericalismo enraizado em nossa mentalidade católica. As mídias podem colaborar na construção de uma visão mais coerente do sacerdócio comum dos fiéis e na divulgação de iniciativas orantes protagonizadas pelos cristãos leigos e leigas.

² Intuição de Andrea Grillo em A liturgia como “tela” e a tentação da “simples administração”. IHU.

Passagem de um reducionismo eucarístico a uma consciência eucarística

Somos chamados a ampliar nossa consciência do que seja a eucaristia, que não se limita à presença do Cristo nas espécies consagradas, mas se estende a outras tantas formas de comunhão que estabelecemos com os irmãos e irmãs, especialmente na vivência da caridade, da partilha fraterna, da equidade social e no cuidado pela nossa casa comum. Nesse aspecto, os meios de comunicação e mídias digitais poderão cumprir um papel importante de desconstrução do reducionismo eucarístico, inclusive evitando exageros que, não raro, propagam uma distorcida teologia a respeito da eucaristia.

Passagem de uma relativização da Palavra à sua sacramentalidade

A Igreja nos ensina que a “celebração da Palavra de Deus possui um caráter sacramental” (CNBB, Doc. 108, n. 63), isto é, manifesta a presença e a ação de Cristo, Palavra encarnada. No desejo de promover e salvar a dignidade da eucaristia, a Palavra, não raras vezes, ficou relativizada. No entanto, não podemos nos esquecer de que cerca de 70% das comunidades eclesiais

no Brasil não têm missa todo domingo. Muitas delas somente uma ou duas vezes ao ano, e vivem da Palavra. A pandemia nos mostrou o quanto a celebração familiar em torno da Palavra (sobretudo do evangelho dominical) bem como sua leitura orante podem nos alimentar a fé e a vida. Tudo isso demanda uma valorização maior da Palavra de Deus. Nesse aspecto, as tecnologias midiáticas podem fazer muito a serviço da formação bíblica e da facilitação dos momentos orantes ao povo, com propostas qualificadas de celebração.

Passagem de uma visão da liturgia doméstica como suplência a uma valorização da casa como espaço celebrativo

Boa parte dos fiéis tem se perguntado se, em vez de assistir à missa pelas mídias, não seria mais interessante reunir a família e fazer da pequena Igreja da casa um lugar de encontro com Jesus, na certeza do que ele mesmo prometeu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, estarei no meio deles” (Mt 18,20). Aos poucos, podemos ir desenvolvendo uma liturgia doméstica, feita de pequenos ritos em estilo simples, presidida pela mãe ou por outra pessoa da família. Por meio desta celebração, podemos alegrar-nos na presença de Jesus,

escutar e meditar a sua Palavra e, junto com Jesus, erguer ao Pai os nossos corações em preces, partilhar um pão em ação de graças, invocar uma bênção (CARPANEDO, 2020a). Mas, para isso, é preciso tomarmos consciência de que a liturgia doméstica não é apenas suplência pela falta das missas nos templos e nem mesmo uma liturgia de “segunda classe”. Aliás, não nos esqueçamos de que a história do cristianismo, especialmente das celebrações do Mistério Pascal, teve seu início nas casas. A liturgia fixada no templo fez com que os cristãos se distanciassem bastante da liturgia celebrada no lar. A pandemia nos favoreceu ao menos repensar a necessidade dessa revalorização. Aqui está um ponto no qual as mídias têm um papel imprescindível: disponibilizar subsídios e ferramentas para que as liturgias domésticas sejam verdadeiros encontros das famílias entre si e com o Deus da vida!

Passagem do consumismo litúrgico à participação ativa, consciente e frutuosa

O desconhecimento teórico e prático da ação ritual faz com que muitos fiéis acorram aos sacramentos, mormente à eucaristia, como consumidores do sagrado. Durante a pandemia isso se mostrou claramente, reve-

lando o quanto ainda temos que crescer em uma das pilastras da liturgia mais incentivada pela Sacrosanctum Concilium: a participação. Para muitos, participar é “fazer algo” na missa. O resto é assistência, não muito diferente daqueles que permanecem impassíveis diante da TV assistindo à missa. Não faltaram grupos a pleitear a hóstia consagrada como propriedade e pastores a oferecê-la em ações totalmente isoladas do contexto celebrativo. Esse é um aspecto que merece investimentos pastorais urgentes. Será que os meios de comunicação e mídias sociais poderão ampliar seu compromisso de ajudar na educação do povo cristão para a consciente participação na sagrada liturgia?

Passagem das mídias como palco às mídias entendidas como serviço

É próprio das tecnologias de comunicação social dar visibilidade às pessoas e acontecimentos. A ordem de Jesus: “O que digo a vocês na escuridão, repitam à luz do dia, e o que vocês escutam em segredo, proclamem sobre os telhados” (Mt 10,27) mais do que nunca é levada à risca. No terreno da liturgia, entretanto, o menos é mais quando se trata dos “atores”, visto que a finalidade de

toda ação ritual é proporcionar aos celebrantes um autêntico mergulho no Mistério do Cristo, ação esta que nos santifica e se torna um sincero louvor ao Pai, na força do Espírito (cf. SC, n. 7). O protagonismo, portanto, pertence ao próprio Deus. Todos aqueles que estão a serviço de levar ao povo, por meio das mídias, alguma proposta celebrativa, especialmente os que presidem as celebrações, que nunca percam a mística do profeta João Batista: “É preciso que ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30).

Conclusão

Liturgia online: experiência que vai se consolidando aos poucos e merece toda a nossa atenção, pelo tamanho do desafio que nos traz. Será, mesmo, uma possibilidade que veio para ficar? Parece-nos que sim! Mas essa modalidade substituirá as celebrações em que os fiéis, física e geograficamente no mesmo templo, se congregam como um só corpo para a celebração do Mistério Pascal em um tempo e espaço determinado? Certamente não! Não se trata, obviamente, de caminhos nem substitutivos e nem de igual significado. Na trilha de Sbardelotto, poderíamos dizer que se faz necessário “abandonar a lógica

do 'ou' e assumir a lógica do 'e'. Não se trata de evangelizar 'ou' no ambiente digital 'ou' nos demais ambientes sociais, mas de sair ao encontro das pessoas no ambiente digital 'e' nos demais ambientes sociais, isto é, onde quer que elas estejam, para assim gerar comunhão e construir comunidade, como fez Jesus com os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35)" (SBARDELOTTO, 2020a). Trata-se, na verdade, de reconhecer a importância do mundo digital como ferramenta articuladora de relações humanas para

a facilitação da celebração da fé, ciente dos limites que lhe são inerentes e também de suas possibilidades, como nos diz a Igreja: "a vida litúrgica e comunitária também pode ser enriquecida com o recurso ao ambiente digital, mediante oportunidades de oração, meditação, preparação aos sacramentos e partilha da Palavra de Deus na internet, nas redes sociais e em aplicativos móveis" (CNBB, Doc. 99, n. 191). Que o Espírito, fonte de discernimento e de constante renovação, nos ilumine nesse novo tempo!

REFERÊNCIAS

CARPANEDO, P. O espaço da celebração em tempo de isolamento social. Revista Caminhando com o Itepa. Ano 37, número 129, set. 2020, p. 115-120 (2020a).

_____. Celebrar a fé em tempo de isolamento social. Disponível em: <https://www.paulinos.org.br/home/blog/atualidade/celebrar-a-fe-em-tempo-de-isolamento-social>. Acesso em: 27 set. 2020 (2020b).

CNBB. Instrução Geral para o Missal Romano e Introdução ao Lecionário. Brasília: CNBB, 2009.

_____. Ministério e Celebração da Palavra (Doc. 108). Brasília: CNBB, 2019.

_____. Diretório de comunicação da Igreja no Brasil (Doc. 99). Brasília: CNBB, 2013.

GRILLO, A. A. Liturgia e Covid-19. Como ser assembleia celebrante em tempos de pandemia. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598334-liturgia-e-covid-19-diversamente-igreja-como-ser-assembleia-celebrante-em-tempos-de-pandemia-artigo-de-andrea-grillo>. Acesso em: 28 set. 2020 (2020a).

_____. A liturgia como “tela” e a tentação da “simples administração”. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/602845-a-liturgia-como-tela-e-a-tentacao-da-simples-administracao-artigo-de-andrea->. Acesso em: 28 set. 2020 (2020b).

PAPA FRANCISCO. Evangelii Gaudium. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus e Loyola, 2013.

_____. Christus Vivet. Para os jovens e para todo o povo de Deus. Brasília: CNBB, 2019.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. Diretório para a catequese. São Paulo: Paulus, 2020.

SBARDELOTTO, M. Virtualização da fé? Reflexões sobre a experiência religiosa em tempos de pandemia. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/601104-virtualizacao-da-fe-reflexoes-sobre-a-experiencia-religiosa-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 27 set. 2020 (2020a).

_____. A (re)descoberta eclesial do ambiente digital: entre luzes e sombras. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597585-a-re-descoberta-eclesial-do-ambiente-digital>. Acesso em: 28 set. 2020 (2020b).

VATICANO II. Constituição Sacrosanctum Concilium. São Paulo: Paulinas, 2015.



Pe. Vanildo de Paiva. Graduação em Psicologia, pelas Faculdades Atibaia (FAAT) (2011), em Filosofia pela PUC Minas (1989) e em Teologia, pela PUC Rio (1992), mestrado em Psicologia pela PUC Campinas (2014), pesquisando a ideia chave de "cuidado" em Winnicott. Foi vice-presidente da fundação educacional da Faculdade Católica de Pouso Alegre (FEJAN) e coordenador da extensão da mesma Faculdade. É professor titular da FEJAN, nas áreas de Introdução ao Exercício do Filosofar e demais disciplinas filosóficas, incluindo Psicologia Geral. Atua principalmente nos seguintes temas: cuidado religioso, desenvolvimento humano e espiritualidade, sexualidade e fé, relações humanas em ambientes religiosos, formação de educadores e catequistas etc.

Catequese, a formação cristã e a espiritualidade: novos olhares

Débora Regina Pupo

Doutoranda em Teologia pela PUC Paraná e Coordenadora Regional da Dimensão
Bíblico-Catequética da CNBB no estado do Paraná

Lucimara Trevizan

Diretora executiva do Centro Loyola - BH e coordenadora do curso de
Especialização em Catequética da CNBB-Regional Leste 2 e PUC-Minas

Marlene Maria Silva

Mestre em Catequética pela Universidade Salesiana de Roma e
membro da Comissão Bíblico-Catequética do Regional Leste 2, da CNBB

Iniciativas da catequese durante a pandemia

Não é possível dizer que a catequese ficou alheia aos efeitos da pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus. O fato de suspender os encontros presenciais colocou catequistas e catequizandos em um impasse: e agora, como devemos agir?

Na tentativa de se adaptar à situação, a ação catequética se viu obrigada a migrar para um espaço até então, para muitos, quase desconhecido. As iniciativas foram várias, porém, gostaríamos de destacar três: a tentativa de alcançar os catequizandos pelos meios digitais, a formação online de catequistas, a aproximação das famílias dos catequizandos. Em todas as atividades o desafio era o mesmo: ocupar o espaço digital com qualidade e favorecer o crescimento na fé.

Tentativas de alcançar os catequizandos

Em um primeiro momento, pensava-se que as providências seriam temporárias e logo os encontros seriam retomados. Porém, a situação se agravou e o isolamento avançou por meses, levando várias comunidades paroquiais e dioceses a estabelecerem critérios para a

continuidade das atividades catequéticas. Vários nomes surgiram: catequese online, encontros catequéticos com as famílias, catequese doméstica, catequese em casa etc. Apesar da variedade de nomes, um mesmo era o objetivo: dar continuidade à educação da fé de crianças, adolescentes, jovens e adultos.

As iniciativas tomadas pela catequese, no período da pandemia, levantaram vários questionamentos (que precisarão ser retomados e melhor aprofundados): o que é essencial em nossa catequese? O que desejamos garantir com os encontros? Sempre enfatizamos que a catequese não deve ser realizada somente em vista dos sacramentos, porém, alguns posicionamentos pendiam para a administração dos sacramentos sem o devido preparo, como se apenas as etapas próximas às celebrações sacramentais fossem importantes.

Outro dado constatado foi a dificuldade de muitos catequistas no uso das ferramentas digitais e com a linguagem desse universo. Mesmo assim, foi possível perceber uma grande migração para as plataformas digitais e tal fato permitiu perceber o quanto podemos alcançar realidades e pessoas.

No entanto, também foi possível perceber que nem todas as pessoas contam com as comodidades de

aparelhos e sinal de internet para ter acesso a conteúdos, encontros e formações. Se, por um lado, o mundo digital aproximou, por outro, temos o risco de reforçar a exclusão, agora de maneira virtual, mas não menos prejudicial.

O desafio da formação de catequistas

Quanto à formação dos catequistas percebeu-se um incentivo às lives, congressos online, cursos via internet, escolas catequéticas, estudos de documentos, retiros e reuniões de equipes de coordenações. Talvez nunca um Diretório para a Catequese tenha sido tão “estudado” como foi o novo, lançado em Roma, em junho deste ano!

É possível dizer que a formação ganhou muito, pois chegamos a catequistas na base que, de outra maneira, jamais seriam envolvidos. Contudo, constataram-se grandes dificuldades com o mundo digital, no campo da formação. De certa maneira, um analfabetismo digital que dificultou o acesso e a participação, bem como formas de exclusão digital, pois muitos catequistas não têm computador ou, se o têm, este não oferece as ferramentas necessárias para o uso.

São vários os questionamentos que surgiram por meio de tais iniciativas: qual a qualidade das formações

online? Qual será o sentido de retomar encontros presenciais, quando a situação assim permitir? Qual o investimento financeiro destinado a iniciativas no mundo digital para alcançar catequistas que não têm acesso facilitado? Qual a iniciativa no preparo de assessores e formadores para que a formação não seja mera informação ou transmissão acadêmica de conteúdo? É fato que não podemos mais esquecer o mundo digital e deixar passar as oportunidades que ele oferece para formações e reuniões, mas tem sentido pensar em formação de catequistas a distância? Será que de fato a virtualidade ajuda na participação?

Ainda que se possa reconhecer os esforços como tentativas de oferecer uma formação de qualidade, ainda é possível encontrar alguns amadorismos, linguagens acadêmicas demais e afastadas da realidade de tantos catequistas. Correu-se o risco de uma saturação, visto a quantidade de oferta disponível na rede.

Acreditamos que não será possível esquecer o espaço digital nas formações, mas também é preciso falar sobre o amadorismo e a falta de investimento financeiro em pessoas para cuidar da parte técnica e também de recursos até para assinar uma plataforma para encontros online de formação de catequistas. São pontos impor-

tantes que precisarão ser considerados quando se pensar em oferecer cursos online e escolas de formação para lideranças.

A aproximação das famílias dos catequizandos

A catequese sempre se ressentiu de um certo afastamento das famílias na caminhada catequética. A pandemia nos lançou para dentro das casas e, de repente, as famílias foram alcançadas e envolvidas em um processo que, até então, parecia apenas responsabilidade das/os catequistas nas comunidades.

É preciso dizer que não se trata de uma conversão instantânea, muito menos que, de uma hora para outra, as famílias se deram conta da importância da catequese e de seu papel na educação da fé dos filhos. É verdade que, em muitas experiências, o descaso e o distanciamento continuaram ou até mesmo aumentaram. Porém, é possível perceber um movimento interessante que não pode ser esquecido: a catequese passou a pensar na catequese dos pais, para que estes pudessem ajudar os filhos.

Esse movimento, ainda que impulsionado por uma situação de urgência, nos ajuda a compreender a necessidade de repensarmos nossa consciência de Igreja, de

comunidade, de catequese e de família. Não se trata de se fechar em casa e evitar contatos, mas de perceber que em casa é possível rezar, celebrar e crescer na educação da fé. Aqui, também, percebemos um perigo: considerar a comunidade como “dispensável”, visto que, em muitas situações, em momentos celebrativos, se reclamava mais da falta do sacramento que da falta da comunidade.

Como tentativa de ajudar as famílias a rezar, celebrar e catequizar, um grande número de materiais foi amplamente disponibilizado via WhatsApp: material para grupos de encontros e círculos bíblicos, celebrações da Palavra etc. Sabe-se que tais materiais chegaram a muitos, mas não se sabe ao certo o quanto, de fato, foram aproveitados.

Também na busca de aproximação com as famílias percebemos um grande amadorismo e muita boa vontade, sem tanto preparo ou investimento. Acreditamos que mais do que cobranças, exigências, faz-se necessário recuperar a dimensão da gratuidade, do se fazer presente para facilitar o encontro com o Mestre.

Não podemos esquecer que a realidade da pandemia sobrecarregou as famílias. Se por um lado o encontro e o contato foram facilitados, por outro, situações de estresse e cansaço foram potencializadas. É preciso

cuidar para que a catequese não seja mais um fardo a ser colocado nos ombros de catequizandos, catequistas e famílias.

E agora? Perspectivas para a catequese

Algumas perspectivas para a catequese já se faziam presentes antes da pandemia, mas torna-se mais urgente que sejam observadas daqui para frente. Apontaremos quatro situações que exigirão maior atenção das equipes de coordenação de catequese e de catequistas:

A acolhida, o cuidado e o acompanhamento de catequizandos e catequistas

A acolhida e o cuidado com catequizandos (crianças, jovens e adultos), bem como com catequistas, são muito importantes. Muitos carregam feridas desse processo vivido na pandemia e isolamento social. O calor humano e o carinho serão fundamentais para que se sintam acolhidos e amados. Muito importante será ouvir e pensar em maneiras de fazer um acompanhamento pessoal.

O afeto, o cultivo da ternura e do amor fazem-se imprescindíveis em qualquer tempo.

Há que se partir da vida dos catequizandos e não de um livro. A mensagem cristã, a boa-nova de Jesus, precisa fazer sentido no chão da existência de cada um. Isso implicará também levar em conta toda a experiência vivida durante a pandemia. A vida vivida é conteúdo de todo processo de crescimento e amadurecimento da fé.

As coordenações de catequese precisam estabelecer estratégias para que os catequistas tenham espaço de partilha, de cultivo da espiritualidade, de abordagem de temáticas que possam ajudar na elaboração de processos pessoais vividos.

Valorizar a catequese em família

Este é um tema sempre tratado em documentos da catequese, mas pouco concretizado pelas equipes de catequistas. A pandemia evidenciou que é preciso ter a família realmente como parceira do processo catequético. Há que se pensar encontros (online ou presencial) com os pais, mas um itinerário de debates, com temas interessantes ligados à vida familiar e aos desafios da educação da

fé. Um percurso criativo que envolva os pais ao longo da caminhada dos filhos.

As equipes de catequistas precisam fazer parcerias com outras pastorais. É preciso pedir ajuda, por exemplo, à Pastoral Familiar, para que auxilie nas visitas (quando possível de serem feitas) aos pais (da catequese eucarística e crisma). Uma visita amigável, simpática, pode ser início de um caminho bonito com os pais.

As redes sociais ou outras plataformas digitais serão importantes para continuar, semanal ou quinzenalmente, o contato com os pais de crianças e jovens. Há que se ter sabedoria para manter a amizade e não sobrecarregar os pais com excesso de materiais.

A catequese e a cultura digital

Mais do que nunca se torna urgente a formação dos catequistas sobre a catequese na cultura digital. Isto é muito mais do que aprender a utilizar as redes sociais, sites e plataformas digitais na catequese. Trata-se de conhecer as características dessa cultura digital e os “nativos” digitais, que são os atuais catequizandos.

O novo Diretório para a Catequese, que se dedica a esse tema, nos interpela: “No processo do anúncio do

Evangelho, a verdadeira questão não é como utilizar as novas tecnologias para evangelizar, mas sim como se tornar uma presença evangelizadora no continente digital. A catequese, que não pode simplesmente digitalizar-se, certamente precisa conhecer o poder do meio e utilizar todo o seu potencial e sua positividade, com a consciência, porém, de que não se faz catequese utilizando somente ferramentas digitais, mas oferecendo espaços de experiências de fé. Isso evitará uma virtualização da catequese que corre o risco de tornar a ação catequética fraca e pouco influente” (DC 371).

Precisamos aprender a ser presença de qualidade, beleza e profundidade no continente digital. Isso implica repensar a linguagem e o conteúdo dos nossos sites e canais de catequese. E também oferecer, desde a formação inicial do catequista, aprofundamentos sobre a catequese na cultura digital e o uso das ferramentas digitais na catequese. Muitos catequistas ainda são analfabetos digitais. O uso de plataformas digitais e outras mídias permitirá melhorar a formação de catequistas, sobretudo, chegar até catequistas que normalmente não conseguem participar dos encontros formativos presenciais. E os encontros presenciais precisarão ser mais objetivos, envolventes e criativos.

Os encontros catequéticos, que oferecem vivências de fé aos catequizandos, não podem deixar de ter também o digital como espaço de aprofundamento da fé. Isso exige mais criatividade do catequista.

Priorizar a catequese com adultos

Ficou evidente que, durante a pandemia, mais do que nunca, é preciso que tenhamos itinerários de educação da fé com adultos, se quisermos uma Igreja adulta e madura na fé, na esperança e na fraternidade.

É preciso reforçar os processos de iniciação cristã de adultos não batizados ou que não receberam a eucaristia e a crisma. É preciso também pensar em processos com adultos não suficientemente evangelizados, apesar de já terem recebido os sacramentos da iniciação cristã. Isso supõe investir na formação de catequistas especificamente para a educação da fé com adultos e em processos criativos, vivenciais, de amadurecimento da fé.

Em muitas comunidades, a catequese com adultos não batizados é muito mal feita e reduz-se a dois ou três encontros em vista do sacramento do matrimônio. É preciso repropor esse caminho, segundo as orientações da Igreja para a Iniciação Cristã de adultos.

Em muitos casos, o nome “catequese com adultos” espanta grande parte dos que não são suficientemente evangelizados. Será preciso ser criativo, dar outros nomes a esses itinerários de catequese. O mais importante será (re)apresentar o anúncio de Jesus Cristo de forma significativa no coração da vida das pessoas.

O amadurecimento da fé dos adultos transforma a vida comunitária e o testemunho cristão no mundo, como Igreja em saída, a serviço do Reino de Deus.

A formação cristã e a espiritualidade digital

As plataformas digitais e redes sociais permitiram que, logo no início da pandemia, os encontros de formação, os cursos de teologia com leigos, as manhãs ou tardes de espiritualidade e até mesmo os retiros espirituais migrassem para o formato digital, nas mais variadas plataformas.

Também neste aspecto explicitou-se o vasto lastro da exclusão digital, pois muitos não possuem internet suficientemente boa para sustentar as aulas e outros formatos de formação, ou ainda, não possuem nem mesmo computadores ou celulares que comportem as transmissões.

E houve inúmeras modalidades de formação e de cultivo da espiritualidade oferecidos na “rede”. Interessante observar que muita coisa boa foi ofertada em meio a outras com tendência um tanto duvidosa. Mas foi possível chegar a leigos e leigas que normalmente não tinham acesso a uma formação ou mesmo acompanhamento espiritual de qualidade. E são inúmeros os relatos de leigos que dizem que isso foi fundamental para que durante o isolamento social continuassem a manter viva a chama da fé.

Não haverá retorno quanto a isso. Há um mundo a ser descoberto e explorado. Não basta migrar do presencial para o digital, será preciso integrar com harmonia as duas coisas e inovar no meio digital. Ganha a formação cristã e ganha o cultivo da espiritualidade.

A Igreja precisará investir nesse âmbito, não somente equipando-se devidamente, mas de modo especial, garantindo presença qualificada no meio digital com a formação de agentes atentos aos processos pessoais, verdadeiros evangelizadores e anunciadores da boa-nova do Reino, no desafiante universo da cultura digital.



Débora Regina Pupo. Doutoranda em Teologia pela PUC Paraná. Mestre em Teologia pela PUC Paraná Campus de Curitiba 9 (2014). Graduada em Teologia pela FAMIPAR (Cascavel, 2010). Atualmente é Coordenadora Regional da Dimensão Bíblico-Catequética da CNBB no estado do Paraná, Regional Sul 2. Autora da Editora Vozes, trabalha na formação de lideranças nas seguintes áreas: Catequese, Bíblia, Metodologia Catequética, Doutrina da Igreja.



Lucimara Trevizan. Possui graduação em Pedagogia (1987) e em Filosofia (1991) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e graduação em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (1995). Possui especialização em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2001). Atualmente é diretora executiva do Centro Loyola - BH. Tem experiência na área de Teologia Pastoral. É coordenadora do curso de Especialização em Catequética da CNBB-Regional Leste 2 e PUC-Minas e do curso de Especialização em Teologia Cristã Contemporânea da FAJE-Centro Loyola.



Marlene Maria Silva. Graduação em Pedagogia e Ciências Sociais na Faculdade Santa Doroteia (Nova Friburgo). Mestre em Catequética pela Universidade Salesiana de Roma (1976). Coordenadora da Revista Ecoando (Paulus) e membro da Comissão Bíblico-Catequética do Regional Leste 2, da CNBB. Professora no curso de Especialização em Catequética da PUC Minas – Regional Leste 2. Experiência em catequese e pastoral.

As dioceses e as paróquias não são mais as mesmas

Manoel José de Godoy

Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e professor de Teologia Pastoral e Supervisor de Estágio Pastoral na FAJE

Matheus S. Bernardes

Presbítero da Arquidiocese de Campinas - SP e aluno do doutorado no PPG de Teologia Sistemática (Eclesiologia) na FAJE

Patriky S. Batista

Secretário executivo de Campanhas da CNBB e membro do Conselho Gestor do Fundo Nacional de Solidariedade. Padre Diocesano do clero de Luz-MG

No dia 27 de março de 2020, quando o vírus se espalhava rapidamente pela Europa, o papa Francisco atravessou uma Praça São Pedro vazia e rezou pelo fim da pandemia. Em suas palavras, ele fez uma afirmação muito assertiva: “Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertamos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora nós, nos sentindo em mar agitado, te imploramos: ‘Acorda, Senhor!’” (FRANCISCO, 2020a).

Podemos entender, a partir dessas palavras, que a pandemia não significou só a disseminação de uma nova doença, mas mostrou quão doente a humanidade inteira estava. Podemos dizer o mesmo das estruturas eclesiais? Podemos dizer o mesmo das dioceses e paróquias? Com a apresentação que segue, queremos olhar essas estruturas antes e durante a pandemia e traçar algumas perspectivas de futuro. Não é nossa pretensão esgotar a temática, mas estimular a reflexão de todos e todas para que sigamos corajosamente a agenda eclesial do Concílio Vaticano II e tão ressaltada pelo papa Francisco em seu magistério. Vale destacar que isso somente será possível se a Igreja tiver a ousadia de vencer outro vírus letal: o clericalismo.

Como as estruturas eclesiais chegaram à pandemia

Um contínuo slogan que vem ecoando é que depois da pandemia não seremos mais os mesmos. Será? Falamos de um novo normal que faria surgir o amadurecimento humano, e com ele, o amadurecimento e renovação de muitas instituições, como a própria Igreja Católica. Pode até ser que a humanidade saia desta pandemia com rasgos de uma espiritualidade mais profunda, marcada

pela efemeridade da vida. Porém, afirmar que estruturas sólidas sofrerão abalos significativos é uma aposta, não uma constatação. Esse é o caso das estruturas diocesanas e paroquiais, que há tempos clamam por renovação, conversão pastoral e novos horizontes.

“A paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade” (EG 28). Exatamente por causa dessa plasticidade, as estruturas católicas sofrem mudanças na história, mas se mantêm firmes parecendo até ignorar as mudanças sociais e de época. E a afirmação do papa Francisco condiciona as mudanças a dois sentimentos esperados dos agentes eclesiais ordenados: docilidade e criatividade missionária.

É necessário ter cuidado para que a ansiedade pelos tempos pós-pandemia não nos leve a apostar em decisões unilaterais, tendo em vista o destino das estruturas eclesiais. Isso significa que sem a disposição evangélica e profética dos agentes eclesiais ordenados, nada acontecerá. Embora a paróquia não seja certamente a única instituição evangelizadora, se ela for capaz de se reformar, escutar os homens e as mulheres do tempo presente em suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias (GS 01),

continuará a ser Igreja, comunidade de comunidades que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas. Entretanto, estar no meio do povo não é garantia de proximidade; mais do que nunca é urgente perceber os reais desafios da presente geração.

A grande questão é que algumas estruturas diocesanas e paroquiais se tornaram estáticas e frias, com planejamentos e planos de pastoral até bem feitos, mas que não chegam aos corações dos fiéis e, na maioria das vezes, nem dos agentes encarregados da animação evangelizadora. Já se fala que vivemos em um tempo em que se crê mais nos testemunhos que nos textos.

Só um tratamento de choque, com propostas radicadas do Evangelho e atentas aos sinais dos tempos, poderá abrir novas pistas de transformação das estruturas eclesiais. Do contrário, faremos algumas achegas aqui e acolá, e daqui a pouco, esse tempo, que deveria contribuir para a inauguração de novos rumos, ficará na lembrança. Mais uma oportunidade perdida! Um único e estruturante exemplo poderá ilustrar essa perspectiva: o crescimento do clericalismo, que invade toda a estrutura eclesial, só poderá resultar numa estrutura ainda mais paralisada, em contraposição à proposta do papa Francisco de uma Igreja missionária em saída. O clericalismo tem

forte ingrediente misógino e é alimentador de preconceitos, sendo o mais forte a laicofobia.

Sem um empoderamento real e não só de discursos, sem uma Eclesiologia do Povo de Deus, com o protagonismo laical em todos os âmbitos da instituição, nada mudará. Ao mesmo tempo que sem uma mudança radical no reconhecimento do papel da mulher, tudo ficará como está.

As portas fechadas dos templos, durante a reclusão imposta pela pandemia, puderam sugerir um tempo de recolhimento purificador e conversão, como insistentemente convida o papa Francisco. Mas o que vimos foi um crescimento de exposição na mídia, produzindo uma espécie de “clero-ostentação”, com muitos modismos e de qualidade muito questionável. Uma Igreja centrada na conversação e manutenção dos chamados “serviços sacramentais”, sem uma consideração séria do lugar da Palavra no processo evangelizador.

Uma “Palavra de qualidade” e com métodos pedagógicos sérios poderia ter amenizado o distanciamento, favorecido a formação dos discípulos e discípulas, levando a iniciação à vida cristã para as famílias e aqueles indivíduos que, de repente, poderiam ter encontrado nas

redes sociais verdadeiras partilhas querigmáticas e experiência de vida cristã.

O certo é que não preparamos a Igreja para uma vida fora dos seus limites pré-estabelecidos, fora de suas estruturas solidificadas. Ignoramos a crítica que Jesus fez, no diálogo com a Samaritana, sobre a tentativa de engaiolar o sagrado. Quando questionado sobre o lugar certo de adoração, dizia: “Vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade” (Jo 4,20-23).

Um rápido giro pela história nos faz perceber que do século IV até o Concílio Vaticano II as estruturas eclesiais foram se amoldando às diversas conjunturas sociais e culturais. Todavia, alguns hábitos adquiridos na longa tradição eclesial se transformaram em cláusulas pétreas. Nem mesmo a Palavra revelada é capaz de se tornar parâmetro para mudanças. Tem-se a impressão de que as hermenêuticas se sobrepuseram ao valor do espírito das experiências dos cristãos primitivos; se selecionam textos sagrados de acordo com a ocasião.

Ao contrário de *Evangelii Gaudium*, o espaço se mostra superior ao tempo nas estruturas eclesiais (EG 222-225). No critério para sua definição, o territorial ainda é o predominante, mesmo que constatemos, sobre-

tudo nos espaços urbanos, que o povo vai impondo o critério afetivo de pertença, flexibilizando o territorial. O que vemos, porém, muito fortemente nas comunidades eclesiais, é uma massa passiva, que se contenta com o serviço religioso aí recebido em detrimento do que caracteriza o autêntico movimento cristão: a vida comunitária.

Já perdemos um tempo imenso no debate sobre como devemos investir primeiro para obtermos mudanças substantivas: no ser humano ou na estrutura. Dizíamos, mudamos o ser humano e as estruturas serão mudadas ou mudamos as estruturas e elas farão emergir homens e mulheres novos. Ora, uma consideração mais dialética faz com que percebamos que são necessários seres humanos novos para estruturas novas e estruturas novas para seres humanos novos, num movimento concomitante. Portanto, faz-se urgente redescobrir os processos nestes dois horizontes.

Uma excelente pista pastoral que, em alguns lugares se fortalece, é o retorno aos pequenos grupos de reflexão. Somente uma paróquia descentralizada em redes será capaz de evangelizar os becos de nossas cidades, tanto os geográficos como os existenciais. Cristãos e cristãs convictos de que a proposta de Jesus passa pelos pobres, pelos enfermos, pelos pequeninos. É preciso sair de nos-

sa zona de conforto e ir para as periferias existenciais de todas as latitudes.

A pandemia chegou às comunidades

O debate sobre a “virtualização da fé” não é recente. Desde a segunda metade da década de noventa do século passado a temática ocupa espaço na reflexão católica no Brasil. O que talvez a pandemia do novo coronavírus tenha acelerado seja o *début* de muitos agentes eclesiais ordenados nos meios digitais, mesmo não tendo os mínimos recursos técnicos para “transmitir” uma celebração.

Podéramos nos dar por contentes com a afirmação de que as celebrações, finalmente, foram para as plataformas digitais – a pandemia nos obrigou a isso. Contudo, seria uma reflexão rasa. O que a virtualização das celebrações revela é uma situação grave, que sobreviveu à pandemia nas dioceses e paróquias: novamente, o clericalismo.

O uso do verbo “transmitir” não é aleatório: muitos ministros ordenados se contentaram com a “transmissão” das celebrações e muitos leigos e leigas chegaram até a

cobrar aqueles que não as “transmitiam”. Porém, uma celebração litúrgica pode ser “transmitida”, assim como um programa de televisão ou de internet? A transmissão supõe que haja um emissor ativo e um receptor passivo ou, como comumente se diz, um espectador. As celebrações litúrgicas são performadas para espectadores?

A liturgia é por excelência uma ação comunitária; mesmo que os fiéis estejam impossibilitados de estar fisicamente nos templos das celebrações, eles se fazem presentes de forma mediada. Se estão presentes, estão participando e não só assistindo a uma transmissão. Entretanto, a proliferação de “transmissões” das celebrações litúrgicas durante a pandemia revelou quão dependentes dos ministros ordenados ainda são os leigos e as leigas.

A vida cristã também é nutrida pelo Pão da Palavra que pode ser partilhado em todos os lares e por todas as famílias. A “experiência doméstica da Igreja” durante a pandemia pode até ter sido uma realidade em algumas comunidades, mas o que infelizmente se viu foi a procura excessiva pela “transmissão” digital de uma fé clericalizada.

Outro tema muito presente na vida das comunidades eclesiais durante a pandemia foi a manutenção do patrimônio das dioceses e paróquias. Com menos dinhei-

ro circulando, dada a redução da atividade econômica, sentimos a diminuição de suas entradas: o dízimo despencou e os eventos pararam. O resultado imediato foi a paralisação de muitas obras, o corte de gastos desnecessários, especialmente os gastos excessivos com material litúrgico, e em alguns casos a dispensa de colaboradores e colaboradoras – infelizmente.

O que isso nos revela? Sobretudo dois aspectos: o peso do patrimônio das dioceses e paróquias e a falta de estratégia pastoral. Não é de hoje que o patrimônio eclesial é um problema para as comunidades. Quantas comunidades cristãs se veem obrigadas a manter um patrimônio custoso, esgotando sua força e criatividade com meios para arrecadar recursos financeiros! Quantas paróquias têm seu calendário anual pautado só por festas e quermesses!

Não seria o momento de repensar a caminhada dessas comunidades? Não é de hoje que se fala na conversão pastoral, mas com todo o peso do patrimônio essa conversão chegará a ser realidade? Sem verdadeira conversão pastoral, as comunidades eclesiais não desenvolverão uma estratégia pastoral para levar adiante a evangelização. Mas essa falta de estratégia pastoral se

deve só ao peso da estrutura eclesial? E a estrutura eclesial?

A constituição sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, ressalta que a estrutura eclesial fundamental é o Povo de Deus (LG II); mesmo que seja hierarquicamente ordenado (LG III), não deixa de ser Povo. Todos os ministérios constituídos na Igreja estão orientados ao bem de todo o Povo. O primeiro desses ministérios é o episcopal (LG 20-23); os episcopos são os sucessores daqueles que comeram e beberam com o Senhor Ressuscitado (At 10,41). Portanto, sua missão de testemunhar, santificar e pastorear tem como base a comunhão de vida com o Senhor que deu a vida pelo seu Povo Santo (LG 24-27).

Por outro lado, os presbíteros e os diáconos devem entender seu ministério em comunhão com o episcopo, mas também como membros de um colégio que, unido, está a serviço do Povo (LG 28-29; PO 08). O que acontece quando a compreensão desses ministérios constituídos para o serviço do Povo de Deus é equivocada? Quando os episcopos se entendem somente como administradores de grandes paróquias chamadas de dioceses, e os presbíteros como “pequenos episcopos” de pequenas dioceses chamadas de paróquias?

A pastoral não pode ser reduzida à manutenção de templos e prédios e, menos ainda, à satisfação de gostos estéticos dos agentes eclesiais ordenados. Talvez até seja possível desenvolver uma religiosidade estética, mas nada evangélica. A pandemia do novo coronavírus mostrou como as dioceses e paróquias estão muito presas a seu patrimônio, o que é um peso para a tão almejada conversão pastoral das comunidades cristãs (EG 25-26).

Finalmente, o que se viu durante a pandemia foi o empobrecimento rápido de muitos, que até não tinham o mínimo para a sobrevivência. Contudo, essa situação não foi causada pelo vírus, que só revelou a enorme quantidade de homens e mulheres, crianças e velhos que vivem em situações de extrema fragilidade social e econômica. Diante dessa revelação, muitos leigos e leigas se sensibilizaram e prontamente organizaram redes de ajuda.

O que isso nos mostra? Em primeiro lugar, que o braço livre da Igreja durante as semanas ou meses de confinamento foram os leigos e leigas comprometidos. Evidentemente, muitos ministros ordenados também estiveram envolvidos no trabalho de arrecadação e distribuição de cestas básicas e material de higiene para os mais pobres e necessitados. Mas foram os leigos e as leigas que assumiram essa frente de trabalho, o que nos leva a

pensar que a liberdade de ação dentro das comunidades cristãs é essencial.

Essa liberdade de ação não pode se restringir somente a uma ação *ad extra*; é essencial que os leigos e as leigas comprometidos gozem de liberdade para atuar *ad intra ecclesiam*. Ao mesmo tempo, a sensibilidade diante do sofrimento alheio não pode ser vista somente em momentos críticos como aconteceu durante a pandemia. Não seria hora de aproveitar essa liberdade de ação, esse compromisso com os mais necessitados e se decidir não só preferencial, mas fundamentalmente pelos pobres? Afinal de contas, o Reino é deles (Mt 5, 3), Jesus foi ungido pelo Espírito para anunciar a Boa-Nova a eles (Lc 4,18).

Seria uma perda enorme que a ação solidária despertada pela pandemia fosse só mais uma “obra de caridade”. Toda a sensibilização diante da miséria, da fome e da necessidade imediata dos mais vulneráveis é uma oportunidade para que a Igreja recupere sua decisão pelo pobre, como as conferências de Medellín (Pobreza da Igreja 8) e Puebla (733-735) proclamaram.

Quando a pandemia passar...

O cenário aqui apresentado já estava em curso há anos. A pandemia do novo coronavírus se tornou um elemento catalisador de tantas questões que ainda não encontraram caminhos de resposta no início da segunda década no novo milênio: como superar o mal do clericalismo? Mas parece que o Senhor novamente nos diz: “Vinho novo em odres novos” (Mc 2,22). Um novo vinho a ser apreciado como sinal de esperança de um novo tempo, um novo odre que simboliza a ternura entre os irmãos e irmãs e o cuidado pela casa comum.

Nesse novo tempo, a Igreja deverá ser não só porta-voz dos clamores da terra, das comunidades e povos originários, mas também a primeira a dar testemunho em suas mais simples decisões. Um bom exemplo pode ser visto no próprio Vaticano, onde não existem mais copos descartáveis e há um novo modo de lidar com o lixo.

Para fermentar uma nova cultura não podemos omitir o diálogo com a ciência, nem nos privar do compromisso de iniciar processos de promoção de uma educação integral e humanística. Para o papa Francisco, pensar na educação é pensar nas gerações futuras e no futuro da humanidade. Aqui o pacto educativo global sur-

ge como eminente sinal de esperança unindo esforços e envolvendo diversos atores sociais.

Outro bom e necessário fermento para inaugurar um futuro promissor para a Igreja são os movimentos sociais e o diálogo ecumênico, inter-religioso e com os não crentes. Nesse sentido, os **movimentos populares apontam como fonte de energia moral capaz de revitalizar nossas democracias em crise.**

“Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176; EN 06). E para isso, é preciso que as comunidades diocesanas e paroquiais promovam e favoreçam meios para o encontro pessoal com Jesus Cristo. Redescobrir o valor e a força do querigma que coloca em evidência a beleza do Evangelho e jamais é indiferente ao outro, sobretudo os mais pobres e em situação de vulnerabilidade.

Uma evangelização na qual o planejamento da ação das dioceses e paróquias tenha como centro a pessoa de Jesus Cristo, a Eclesiologia do Povo de Deus, sempre em comunhão e participação. Planejamentos que nascem da escuta da Palavra e dos clamores dos sinais dos tempos; prioridades e pistas de ação que sejam construídas não em gabinetes, mas a partir da escuta das rodas de conversa comunitárias, nos grupos de reflexão, nos

conselhos de pastoral e também entre aqueles e aquelas que se encontram distantes das estruturas que a Igreja hoje oferece.

Uma evangelização que naturalize o caminho missionário e sinodal que renove o coração antes dos estatutos e decretos. Onde a questão financeira brote da partilha dos bens e de uma evidente solidariedade como bem testemunham as pastorais sociais, tantas vezes criticadas e não priorizadas pelos pastores, mas que na pandemia mostraram a beleza e a importância de ter o serviço da caridade organizado para responder, com prontidão, aos apelos de Cristo nos pobres.

Uma evangelização atenta a uma nova economia que ajudará a construir um mundo novo. Uma economia que tenha como prioridade o ser humano e não o lucro; que tenha a vocação de servir a vida e promover a pessoa. Uma nova economia que brotará da denúncia profética do escândalo de que só 1% da população mundial detém a mesma riqueza que os 99% restantes.

Como nos recorda o papa Francisco, embora desgastada e por vezes até mal interpretada, a palavra solidariedade significa muito mais do que algumas ações esporádicas de generosidade. É muito mais! Supõe a criação de uma nova mentalidade que pense em termos

de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns (EG 188).

“Uma solidariedade guiada pela fé que permita traduzir o amor de Deus na cultura globalizada, não construindo torres, nem muros que dividem e depois desabam, mas tecendo comunidades e apoiando processos de crescimento verdadeiramente humanos e sólidos. É preciso perguntar ao próprio coração: penso nas necessidades dos outros?” (FRANCISCO, 2020b).

Em suma, é preciso colocar em prática a cultura do encontro, da vida e da esperança em nossas dioceses e paróquias. Mas, antes, devem ser inauguradas naquele novo normal que só será realidade quando não formos pessoas normais aos moldes da cultura da invisibilidade e do descarte. Ser cristão é viver a revolucionária mística do amor ao próximo como caminho irrenunciável para a construção de novas veredas.

O projeto de uma fraternidade universal, insistentemente proclamada pelo papa Francisco, deve ser assumido por todas as estruturas eclesiais para que a vida não seja instrumentalizada em favor de interesses particulares e ocasionais. A Igreja não pode permitir que a fé – sua e das demais religiões – seja instrumento de polarizações, guerra e divisões como alguns querem fazer crer. O reno-

vado compromisso com a vida plena para todos e todas é a grande novidade que brota para a missão da Igreja depois da pandemia: o novo coronavírus nos fez experimentar a fragilidade de nossa condição; só mediante um cuidado mútuo, uma atenção fraterna especialmente para com os mais pobres e vulneráveis poderemos louvar juntos a bondade do Deus Criador (LS 01).

REFERÊNCIAS

PAPA FRANCISCO. ¿Por qué tenéis miedo? Mensaje Urbi et orbi durante el Momento extraordinario de oración en tiempos de epidemia, 27 de marzo de 2020. Em PAPA

_____. La vida después de la pandemia. Roma: Vaticana, 2020 (2020a).

_____. Catequesis - “Curar o Mundo”: 5. A solidariedade e a virtude da fé. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2020/documents/papa-francesco_20200902_udienza-generale.html. Acesso em: 30 set. 2020 (2020b).



Manoel José de Godoy. Bacharel (1983) em Teologia, pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e mestre (2005) em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Professor de Teologia Pastoral e Supervisor de Estágio Pastoral na FAJE. Professor no Centro Loyola de Belo Horizonte e no CEBITEPAL, órgão do CELAM-Bogotá, na Colômbia. Membro da Equipe Coordenadora da Ameríndia. Administrador Paroquial da Paróquia São Tarcísio, no bairro Nova Cintra, na periferia de BH.



Matheus S. Bernardes. (FAJE/PUC Campinas). Presbítero da Arquidiocese de Campinas/ SP. Mestre em Teologia Sistemática na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (atual Faculdade de Teologia da PUC-SP), em 2008, e a Especialização em Teologia Pastoral na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em 2018. Aluno do doutorado no PPG de Teologia Sistemática (Eclesiologia) na FAJE e professor da Faculdade de Teologia da PUC-Campinas. Participa dos grupos de pesquisa Teologia e Pastoral, da FAJE, e Teologia e Inteligência Senciente, da PUC-SP, que mantém estreito vínculo com a Fundación Xavier Zubiri, Madri/ Espanha.



Patriky Samuel Batista. Especialista em Teologia Pastoral pela FAJE - BH e pós graduado em missiologia. Secretário executivo de Campanhas da CNBB e membro do Conselho Gestor do Fundo Nacional de Solidariedade. Padre Diocesano do clero de Luz-MG.

Organizadores do projeto



Geraldo Luiz De Mori. Bacharel em Filosofia (1986) e Teologia (1992) pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - CES - (Belo Horizonte, MG, atual Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE -); licenciado em Filosofia pela PUC Minas (1990); mestre (1996) e doutor (2002) em Teologia pelo Centre Sèvres - Facultés Jésuites de Paris (França); pós-doutorado (2011/2012) no Institut Catholique de Paris. Professor de teologia sistemática no Departamento de Teologia da FAJE. Líder do Grupo de Pesquisa Interfaces da antropologia na teologia contemporânea. Membro do Conselho Editorial das Revistas Concilium, Teología y Vida, do Grupo de Santiago (que estuda teologia prática). Reitor da FAJE desde março de 2018.



Lucimara Trevizan. Possui graduação em Pedagogia (1987) e em Filosofia (1991) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e graduação em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (1995). Possui especialização em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2001). Atualmente é diretora executiva do Centro Loyola - BH. Tem experiência na área de Teologia Pastoral. É coordenadora do curso de Especialização em Catequética da CNBB-Regional Leste 2 e PUC-Minas e do curso de Especialização em Teologia Cristã Contemporânea da FAJE-Centro Loyola.



Edward Guimarães. Doutor em Ciências da Religião pela PUC Minas e mestre em Teologia pela FAJE. Licenciatura em Filosofia pela PUC Minas (2020), bacharel em Teologia (1996) e Filosofia (1992) pela FAJE. É professor do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua como secretário executivo do Observatório da evangelização. É membro da atual diretoria da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).

Cadernos Teologia Pública

N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ

N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer

N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher

N. 4 No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM

N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes

N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta

N. 7 Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ

N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho

N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner

N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amaladoss, SJ

N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ

N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ

N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García

N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor

N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ

N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess

N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch

N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch

N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel

N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould

N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles

N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM

N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos

N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald

N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel

N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana María Formoso

N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier

N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior

N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng

N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson

N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Victor Hugo Mendes

N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin

N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio

- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald

N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger

N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva

N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel

N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto

N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred

N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé

N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi

N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt

N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava

N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel

N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislando Nóbrega de Lima

N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto

N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda

N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier

N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro

N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight

N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan

N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil

N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald

- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaisa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli

N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral

N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle

N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier

N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori

N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad

N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff

N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira

N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares

N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald

N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira

N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins

N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto

N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann

N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber

N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais - Gilmar Zampieri

N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo

N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald

N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch

N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco

- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium digitalis*? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si’* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 *Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental* – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior
- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel Decothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “*Familiaris Consortio*” de Wojtyla e “*Amoris Laetitia*” de

Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges

N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli

N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.

N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler

N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Suess

N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo

N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereigh

N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo

N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida

N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line – Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira

N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão *Intellige Ut Credas* – Orlando Polidoro Junior

N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa

N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosmary Fernandes da Costa

N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães



UNISINOS

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

